

PÃO E SANGUE

Dalton Trevisan é fascinante em sua narrativa de horror, de vidas erradas que nunca serão melhores. É a temática constante em seus 22 livros de contos e de seu arremedo de romance *A polquinha*. Mergulha, como poucos, na triste condição humana do sub-mundo de Curitiba. Ali encontra indefectivelmente João e Maria e algum outro personagem que lhes faz parceria. São vidas erradas, casamentos errados, mulheres sofridas, homens sádicos e nunca arrependidos em que a embriaguez, a violência sexual e os maus tratos sempre andam de mãos dadas. É o ciúme sem redenção. Em *Pão e sangue* não instaura nenhuma novidade na temática, na estrutura ou linguagem dos contos. Domina soberbamente a linguagem, entremecia expressões eruditas com expressões de gíria e de baixo calão. Representa o surrealismo das cenas na crueza do quadro e na dureza da língua.

O estilo marca o trabalho beletrístico de Dalton Trevisan. Parece que o tema o domina mas ele domina o estilo e a forma dos contos que surgem à sua imagem e semelhança. Não se afasta um milímetro do plano traçado, o projeto estabelece as linhas das personagens e da narrativa. Roland Barthes disse que a língua é fascista, para Dalton Trevisan a língua flui e se altera conforme a vontade e o fio condutor do Teseu que se embrenha no labirinto de Creta de tanta miséria humana, de tanta degradação que atemorizam e ao mesmo tempo fascinam o leitor mais precavido e inteligente.

Nesse livro vai inovando outras formas o conto reduzidíssimo – Haikai.

Veja-se um espécimen:

“Ao se vestir, escolhe a camisa mais florida.

– Ele não sabe que se enfeita para a morte”.

Há uma sarcástica paródia de “Canção do exílio”. O “Vampiro” amaldiçoa Curitiba, quer morrer longe dessa terra ingrata.

“Não permita Deus que eu morra

sem que daqui me vá

sem que diga adeus ao pinheiro

onde já não canta o sabiá

Morrer é supremo desfrute

Em Curitiba é que não dá”.

As formas do conto mudam ao sabor do artista – é o poema em forma de carta, é o poema lírico-trágico, o haikai e a forma tradicional.

Em todas essas formas Dalton é o mestre na narrativa, mestre de jogar pobres vidas no calabouço do infortúnio e da miséria, sem saída, sem luz, sem redenção... Será possível tanto horror sob este céu roejante de ESPERANÇA?

Ir. Elvo Clemente

LEAL, Denize Maria. *Champolina*. Porto Alegre, Livraria Editora Acadêmica Ltda., 1988.

Ao conhecer Champolina fiquei tomado de admiração e de encanto pelas belas mensagens, pela fala simples e amiga que Denize inventou para nos dar o livrinho de ternura, de arte e de amor.

Ana Luíza soube interpretar nos traços do desenho o movimento das histórias. No livro unem-se no abraço de amor, de compreensão e de vida a beleza da palavra no relato da história e a beleza do traço que desenha, que abre caminho no indefinido das idéias e das imagens.

Aí está Champolina a voar nos caminhos do ideal, a trabalhar no dia-a-dia das horas de estudo de valorização pessoal.

Primeiro se valoriza a pessoa, o valor de Champolina, da abelhinha trabalhadeira, gentil com as outras e hospitaleira.

Brava gente de Garibaldi, Champolina por excelência, a estudar, a trabalhar, a viver sob o sol da liberdade e sob o olhar bondoso e amigo da Senhora da Ermida, protetora de todos.

Ir. Elvo Clemente

GRACILIANO RAMOS E A FALA DAS MEMÓRIAS

José Ubiveral Alencar Guimarães acaba de publicar, através da colaboração da Secretaria da Cultura e Esporte do Governo de Alagoas, a tese de Doutorado, realizada na PUCRS em 1982.

O trabalho quer, na afirmação do autor, “resgatar junto ao escritor alagoano o ponto fulcral do mérito da ficção e das memórias – um discurso cuja fala é eminentemente a do artista consciente do seu fazer literário. Vários são os clichês do sociologismo literário que têm investido e revestido a obra de Graciliano Ramos. Pretendo aqui restaurar a imagem verdadeira do produtor e artista maior”.

José Ubiveral Alencar Guimarães, devotado investigador dos escritores alagoanos, desde 1970 vem dedicando o melhor do seu tempo ao estudo da vida e obra de Graciliano Ramos.

O Curso de Mestrado/Doutorado de Linguística e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul desde o início vai marcando as dissertações e teses de assuntos literários na pesquisa e descoberta dos valores regionais. Essa iniciativa que caracterizou as áreas de pesquisa motivou excelentes trabalhos de mestres e doutores oriundos das diversas regiões do País.

O Memorialismo em Graciliano Ramos tem duplo aspecto: de autobiografia e de elaboração literária.

O discurso autobiográfico em Graciliano Ramos compreende: discurso histórico das memórias – Infância e Memórias do cárcere; discurso literário das memórias com a estrutura metonímica textual e verossimilhança/inverossimilhança narrativa.

A fala das Memórias vai situando a fala e o reencontro do homem; a fala do mundo e a fala do homem.

No livro *Infância*, Graciliano está à procura de si mesmo e à procura do outro. Em *Memórias do cárcere* continua a descoberta do conhecimento de si próprio e a descoberta do outro. A seqüência autobiográfica remete ao mundo da fantasia e da ficção para a literalização dos episódios, tornando mais penetrante e percuciente o afã da busca de si e da descoberta do outro. Nesse diálogo ou melhor nessa atividade dialética do eu e do outro, do conhecimento de mundos aparentemente antagônicos e na verdade complementares é que se desenvolve a tese ou o trabalho de Alencar Guimarães.

O desvendamento da obra literária leva à descoberta de uma poética das memórias. Graciliano não somente ensina desvendar os páramos da existência como leva a estruturar os meandros da obra literária.

A obra imita a vida e a vida imita a obra. As memórias de *Infância* narram a realidade do mundo familiar, do mundo da aldeia do interior, da pequena sociedade, do menino preso nesse mundo de estreitos e apertados horizontes.

As *Memórias do cárcere* deixam-nos confinados num mundo de paredes angustiantes, sem horizontes, onde o outro toma feições contrastantes e, por vezes, dilacerantes... Na hora em que os limites externos se apertam, ampliam-se os limites do pensamento. Assistimos, então, à fala do pensamento com Graciliano: o filósofo, o político, o crítico. Volta-se sobre si, sobre a sociedade e emite o juízo crítico sobre o valor do homem e da sociedade.

Graciliano não é o escritor apenas interessado em seu mundo ficcional, preocupa-se, outrossim, do mundo da realidade do dia-a-dia e do mundo de estrutura literária.

Há uma verdadeira e bem estruturada teoria da ficção proposta por Graciliano através das páginas de autobiografia em que repensa a vida, o mundo e o fazer poético da estrutura do romance quer seja: *Caetés*, *São Bernardo*, ou *Vidas secas*.

Há, em tudo, a vivência pessoal dos fatos que se transforma no bom filosofar de "experiências feitas" no dizer do grande Bruxo da Língua Portuguesa. Graciliano Ramos é o poeta da vida do sertão, o poeta dos grandes temas sociais que agitam as cidades, o Brasil e o mundo nas décadas de trinta e de quarenta.

José Ubireval Alencar Guimarães com sua força de mestre, com seu talento de investigador vai garimpando as riquezas das memórias, as riquezas ocultas nas entrelinhas do grande artista da palavra, do clássico da língua dentro do Modernismo, Graciliano Ramos.

A presente obra é guia para os passos dos que vão à cata do mistério do coração do homem carregado de angústias e incertezas e povoado de esperanças, que se revelam nas Memórias para ficarem sempre vivas na lembrança da humanidade na aurora de "novos céus e nova terra".

Ir. Elvo Clemente